

## Ofélia e a eternidade

In *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos*

"[...] Atacada de incorrigível melancolia. Agora, ela se tinha toda convertido em sombra. E nenhuma luz lhe dava alento. O luto em seus olhos me avisou: os cortinados de meu quarto se fechariam sobre todas as ruas onde ela passasse. Sugeriu-me que nos dêssemos encontro. Breve, sem consequência. Marcámos nas traseiras dos Correios. Cheguei-me e não soube que palavras escolher. O momento pedia-me um idioma que não há. Eu me faltava. Ela me olhou como se eu fosse quem tivesse demorado. Como se eu fosse culpado.

— *Vou-lhe contar uma história* — disse eu apenas para amachucar o silêncio.

Ela reagiu prontamente:

— *Nunca, mas nunca, me conte histórias.*

Era tanta a veemência que eu me atrapalhei com o sem-querer da minha ofensa.

— *Odeio histórias* — rematou ela.

Deixou uma pausa, esperando em pose e apelo. Aguardava, quem sabe, que eu perguntasse porquê. Como eu me mantivesse mudo, ela somou:

— *História é contra a eternidade.*

Acenei com a cabeça. Perdera os filhos, não perdera aquela viciada ideia.

— *Sou eterna, não lembra?*

Depois ela me segurou na mão e me perguntou:

— *Me trouxe um mar?*

— *Sim.*

Mentira. Eu só podia mentir perante o pedido. Ela ficou, imóvel, esperando. Esperava? Que mar lhe havia eu de dar; se nenhum me coubera, nem grão de areia, nem concha, nem búzio. E, no entanto, ela estava defronte a mim como se aquele momento resumisse toda a nossa existência. Fiquei tão desarmado que uma lágrima desafiorou em meus olhos. Depois aconteceu, sem decisão pensada. Aquilo me saiu, à parte da minha vontade. De repente, quase imperceptíveis, as palavras me afluíram: — *Você é eterna, Ofélia.*

Ela levantou o rosto e me enfrentou como se me descobrisse em primeira vez. Se aproximou e me beijou. Estendeu os dedos e recolheu esse esboço de água em meus olhos. Depois, com voz sumida:

— *Obrigada por esse mar.*

Desde aquele momento, nunca mais voltaram a morrer seus filhos falecidos. Que eu diria: meus dois filhos de lá. Porque sou Ofélia, eu mesmo que desfolho esta estória. Sim, sou a mulher a quem, certa vez, na ponta dos dedos, foi oferecido o mar. O resto é a minha eternidade contra a história. Pois nunca existiu homem nenhum que me tivesse amado e empreendesse, alguma vez, viagem alguma para além deste lugar."

## Bibliografia do Autor

☉ *Raiz de Orvalho* (1983)  
Poesia

☉ *Vozes Anoitecidas* (1986)  
Contos  
Grande Prémio de Ficção Narrativa 1990

☉ *Cronicando* (1988)  
Crónicas e contos  
Prémio Anual de Jornalismo Areosa Pena 1989

☉ *Cada Homem É Uma Raça* (1990)  
Contos

☉ *Terra Sonâmbula* (1993)  
Romance  
Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos (AEMO) 1995  
(ex aequo)

☉ *Estórias Abensonhadas* (1994)  
Contos

☉ *Contos do Nascer da Terra* (1996)  
Contos

☉ *A Varanda do Frangipani* (1996)  
Romance

☉ *Vinte e Zinco* (1999)  
Romance

☉ *O Último Voo do Flamingo* (2000)  
Romance  
Prémio Literário Mário António 2001

☉ *Mar Me Quer* (2000), ed. Ilustrada por João Nasi Pereira  
Novela

☉ *Raiz de Orvalho e Outros Poemas* (2000)  
ed. revista  
Poesia

☉ *Na Berma de Nenhuma Estrada e Outros Contos* (2001)  
Contos

Mia Couto foi galardoado, pelo conjunto de obras, com o Prémio Vergílio Ferreira

## Biblioteca Municipal do Seixal

Fórum Cultural - Quinta dos Franceses 2840 Seixal  
Telefones: 21 222 64 11/2/7  
Telefax: 21 222 64 19  
e-mail: biblioSeixal1@mail.telepac.pt  
biblioSeixal2@mail.telepac.pt

100 ANOS  
VERSAS  
Escrita

# Mia Couto

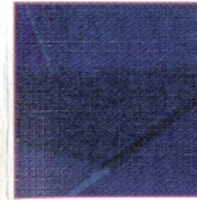
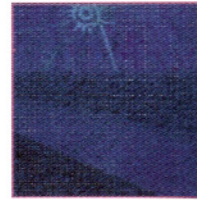
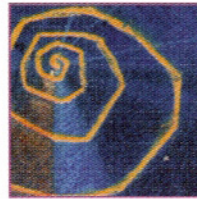
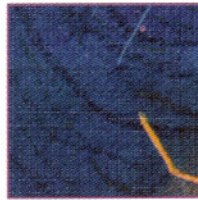
na Biblioteca Municipal do Seixal

Apresentação do Livro

Na Berma de Nenhuma Estrada e outros contos

5 de Junho de 2001, às 18 horas

Câmara Municipal do Seixal | Editorial Caminho



## Mia Couto

### Nota Biográfica

Mia Couto, pseudónimo de António Emílio Leite Couto, nasceu a 5 de Julho de 1955 na Beira, Moçambique. Oriundo de uma família da burguesia liberal originária do Norte de Portugal, que no início dos anos cinquenta se radicou em Moçambique, terá encontrado no meio familiar um ambiente favorável ao seu desenvolvimento cultural e intelectual pois o seu pai, o jornalista Fernando Couto, era poeta e activista no movimento associativo e cultural, caminhos que igualmente irão ser percorridos por Mia Couto, o segundo dos seus três filhos.

Despertando precocemente para a actividade literária, Mia Couto publica, aos catorze anos, os seus primeiros poemas no jornal *Notícias da Beira*. É nessa cidade, à época eivada por uma ambiência social algo segregacionista, que Mia Couto concluirá os seus estudos secundários. Em 1971, parte para a então Lourenço Marques, onde, durante um ano, cursa Medicina. Profissionalmente, Mia Couto exerceu, durante breve tempo, funções docentes e, a partir de 1974, passou a centrar a sua actividade no jornalismo, tendo-se iniciado no jornal *A Tribuna*. Após a independência de Moçambique foi

director da Agência de Informação de Moçambique, dos semanários *Tempo*, *Domingo* e do diário *Notícias de Maputo*, tendo sido membro do Secretariado da Organização Nacional de Jornalistas.

A publicação da primeira obra de Mia Couto ocorre em 1983 com o livro de poemas *Raiz de Orvalho*, uma escrita que logo surpreende e agrada pelo seu lirismo intimista que contrasta fortemente com uma poética militante e apologética então em voga, reconhecendo o autor em Sophia de Mello Breyner, Eugénio de Andrade e Pessoa os seus escritores tutelares. Está marcado o início de um percurso literário reconhecido e premiado, pautado por uma extraordinária regularidade criativa, não obstante ter Mia Couto, em 1985, retomado os estudos universitários licenciando-se em Biologia, pois, logo em 1986, edita os contos *Vozes Anoitecidas* que, posteriormente, viriam a merecer o "Grande Prémio da Ficção Narrativa". Em 1988, dá à estampa *Cronicando*, uma colectânea de crónicas e pequenos contos anteriormente publicados em vários jornais, que é distinguida com o "Prémio Anual de Jornalismo Areosa Pena" (1989), para, logo no ano seguinte, editar os

novos contos de *Cada Homem É Uma Raça*. Em 1992, ano em que é responsável pela preservação da ilha de Inhaca, surge o seu primeiro romance, *Terra Sonâmbula*, livro com que Mia Couto irá arrebatar, *ex aequo* com Ungulani Ba Ka Khosa, o "Prémio Nacional de Ficção da Associação de Escritores Moçambicanos". Em 1994 e 1996 surgem dois novos livros de contos, *Estórias Abensonhadas* e *Contos do Nascer da Terra*, datando também de 1996 o romance *A Varanda do Frangipani*. Em 1999, publica um novo romance, *Vinte e Zinco*, e nesse mesmo ano o conjunto da sua obra é galardoado com o "Prémio Virgílio Ferreira". *O Último Voo do Flamingo* é o romance que edita em 2000 e foi o recente vencedor da primeira edição do "Prémio Literário Mário António", instituído pela Fundação Calouste Gulbenkian. 2000 é também o ano da reedição, ilustrada por João Nasi Pereira, de *Mar Me Quer* e da reedição revista do seu primeiro livro, *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*. Mia Couto acaba de publicar *Na Berma de Nenhuma Estrada*, uma selecção de contos até agora dispersos por vários jornais e revistas, o que não surpreende dada a sua vasta colaboração em diversas

publicações, entre as quais: *Revista África*, *Tempo*, *Colóquio Letras*, *Jornal de Angola*, *Hora de Poesia*, *Humboldt*, *Domingo* e *Público*.

A obra de Mia Couto tem sido adaptada ao cinema e ao teatro e está representada em várias antologias, sendo também objecto de referência em trabalhos de crítica literária que versam sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. Sobre a sua extraordinária criatividade e recriação lexical foi editado o estudo - glossário *Mia Couto: Brincadeira Vocabular*. A qualidade da sua já vasta obra e o facto de os seus livros tão apreciados se encontrarem traduzidos e editados em mais de doze países justamente o transformam no autor moçambicano mais reconhecido internacionalmente.

Para além da sua actividade como jornalista e escritor, Mia Couto tem também vincada intervenção no âmbito da dinamização cultural o que, associado à mestiçagem das amizades de infância e adolescência e aos contactos proporcionados pelo seu trabalho de campo no desempenho da sua profissão de biólogo, certamente terá contribuído para a

criação do seu espantoso universo ficcional, intensamente vinculado à cultura e imaginário moçambicanos e ao seu dualismo rural e urbano, onde imperam o maravilhoso, o fantástico, a efabulação e o prodígio, sustentados em formas de arte verbal da oralidade popular que, frequentemente, tornam a sua escrita numa lúdica e deliciosa *lusofolia*.

Para além da riqueza dos sentidos que empresta às suas palavras e à forma oralizante do discurso inovador e sempre surpreendente, talvez aquilo a que mais nos rendemos e nos emocione em Mia Couto seja a mundividência e o singular universo contrafactual expresso nos seus textos, sedentos que estamos de extraordinário, de transcendente, nas nossas vidas tão regidas sobre os signos da unidimensionalidade, da vulgaridade de quotidianos racionalizados e ordenados pois, como uma das suas personagens refere, *todos vimos de fonte obscura*.

Estes trinta e oito contos de *Na Berma de Nenhuma Estrada* que Mia Couto agora nos oferece estão aí para nos desencaminharem e restituírem uma saudável dimensão mágica e fantástica (*quem imagina, é*

*porque não se conforma com o real estado da realidade in Cronicando*) mas também para nos divertir nas situações cómicas ou satíricas e emocionar quer nas tocantes e comovedoras histórias de amor contadas, quer nas tragédias relatadas. E este livro, talvez de forma emblemática, inicia-se e encerra-se sobre o signo de dois acontecimentos trágicos e violentos: a invocação, na dedicatória, à memória do jornalista Carlos Cardoso, recentemente assassinado nas ruas de Maputo, vítima da complexa situação social e política que o seu país atravessa e com a qual Mia Couto já tanto nos tinha impressionado no seu anterior romance, e no último conto, que se reporta à violência natural do ano em que os céus desabaram sobre Moçambique. Mas Rosita, provando que a vida também sabe escrever histórias com final feliz é, para além da tragédia, o preservar da esperança que deve perdurar; simbolicamente afirmada na frágil figura daquela menina-milagre nascida numa copa de árvore para espanto e ensinamento de esperança ao mundo.